

A cura do filho do funcionário real (Jo 4,43-54)

The healing the royal official's son (John 4:43-54)

Gilvan Leite de Araujo

Resumo

Os textos Bíblicos não são alheios à realidade da doença e da morte. Existe uma sensibilidade divina diante do sofrimento humano. O Livro da Sabedoria descreve três categorias de justo: as que morrem no sofrimento (3,1-9), a mulher estéril ou o eunuco fiel (3,11-15; 4,1-2) e o justo que morre na flor da idade (4,7-14a). Estes, segundo a obra, não conheceram a felicidade na terra, mas receberão a recompensa na “visita” de Deus (4,14b-20). A narrativa da cura do filho do funcionário real (Jo 4,46-54) entra na perspectiva de alguém prestes a morrer na flor da idade. Assim, ela nos coloca diante de um pai que deseja salvar a vida de seu filho que se encontra diante da eminência da morte. Aqui, busca-se compreender o segundo sinal operado por Jesus no Quarto Evangelho, ou seja, entender como que a fé de um pai em Jesus Cristo salvou a vida do seu filho.

Palavras-chave: Quarto Evangelho. Cura. Filho do Funcionário Real. Caná da Galileia.

Abstract

Biblical texts are not oblivious to the reality of illness and death. There is a divine sensitivity to human suffering. The Book of Wisdom describes three categories of righteous people: those who die in suffering (3,1-9), the barren woman or the faithful eunuch (3,11-15; 4,1-2) and the righteous man who dies in the prime of life (4,7-14a). These, according to the work, did not know happiness on earth, but will receive the reward in God's “visit” (4,14b-20). The narrative of the Healing of the Royal Official's Son (John 4:46-54) comes from the perspective of someone about to die in the prime of life. Thus, it places us before a father who wants to save the life of his son who finds himself on the verge of death. Here, we will seek to understand the second sign operated by Jesus in the Fourth Gospel, that is, to understand how a father's faith in Jesus Christ saved his son's life.

Keywords: Fourth Gospel. Healing. Royal Official's Son. Cana of Galilee.

Introdução

O limite entre a vida e a morte está sempre no horizonte de toda pessoa humana. Greene, na sua obra “Até o fim do tempo. Mente, matéria e nossa busca por sentido num universo em evolução”, apresenta o pensamento de Oswald Spengler, segundo o qual “o homem é o único ser que conhece a morte [assim] toda religião, toda investigação científica e toda filosofia se originam disso... a ciência... é uma resposta ao conhecimento de nosso fim inevitável”.¹ A perspectiva do fim parece uma realidade inevitável. A fé cristã, no entanto, aponta para outra perspectiva, ou seja, que o fim é a possibilidade para o início, mas exatamente a ressurreição. Portanto, a morte no horizonte cristão é o início da eternidade, da passagem do limitado para o ilimitado, circunscrito na perspectiva da plenitude.

A realidade da morte é um fato. Além do mais, a situação de doença que possa levar a este fim é uma experiência de angústia para aquele que sofre e por aqueles que o rodeia,

¹ GREENE, B., Até o fim do Tempo, p. 10-11.

principalmente quando se trata de um filho ou uma filha. A cura, através de um milagre, é um fato que foge a ordem natural das coisas. Portanto, pode-se afirmar que fere o princípio científico de uma consequência esperada, ou seja, a morte. Tal característica é verificada, por exemplo, num milagre atribuído a um/a candidato/a à beatificação ou canonização. De fato, não convém que o parecer parta de alguém que crê, mas justamente por um especialista que não crê, pois se trata de uma confirmação de algo que foge a ordem natural e tenha ocorrido imediatamente, como pude observar nos processos nos quais cooperei.

Bassanetti, na sua obra “Perché mio figlio? Elaborazione del lutto per una nuova fecondità”, afronta o drama de um pai ou de uma mãe que perde um filho. Segundo o autor “mesmo que um pai/mãe sinta dentro de si uma profunda e prolongada laceração porque o filho não existe mais... em realidade nunca houve uma separação, pois, a relação de amor nunca cessou”.²

Dentro desta realidade do limite para o ilimitado entra a afirmação de Jesus Cristo à Marta diante do luto “teu irmão ressuscitará” (Jo 11,23). Esta recebe tais palavras numa perspectiva escatológica: “Sei... que ele ressuscitará na ressurreição, no último dia!” (Jo 11,24). Mas Jesus vai além “Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá. Crês nisso?” (Jo 11,25-26). Assim, na perspectiva joanina, a vida apresenta uma continuidade que vai do temporário para o eterno a partir da fé: “crês nisso?” (Jo 11,26).

A narrativa da cura do filho do funcionário real (Jo 4,43-54) entra nesta dinâmica. Um pai aflito diante da eminência da morte do filho vai em busca de uma solução, de uma salvação. Independente da classe social ou etnia, este pai acaba figurando a realidade de pais e mães que amargam a possibilidade da perda de um filho ou de uma filha. Estes buscarão e farão o que for preciso pela vida do seu/sua filho/a.

O texto apresenta um pai, um funcionário real (βασιλικός), residente em Cafarnaum, que está diante da possibilidade da morte do filho. O desejo de salvar o filho o faz ir ao encontro de Jesus, que acaba de chegar à Caná, possivelmente porque tenha tomado conhecimento das ações de Jesus realizadas na Galileia e na Samaria. Este pai não conhece Jesus, mas possui informações a seu respeito. Está diante de uma possibilidade e não quer perdê-la.

1. A narrativa

A cura do filho do funcionário real abrange o fim do capítulo quatro (Jo 4,43-54), bem como, conclui o chamado ciclo de Caná (Jo 2-4). Enquanto muitos estudiosos apontam a narrativa inserida no chamado ciclo de Caná (Jo 2-4), Mateos e Barreto também evocam a relação desta com a ressurreição de Lázaro (Jo 11), colocando as duas narrativas como moldura de um grande bloco:

O ciclo que começa em 4,46b abrange o trecho que vai até 11,54, como o evidencia o vocabulário centrado sobre a oposição enfermidade-morte/(saúde)-vida, que aparece pela primeira vez no episódio programático (4,46b-54): 4,46b, enfermidade; 4,47.49, morte; 4,50.51.53, vida, e se concentrará sobretudo no episódio seguinte (o enfermo/inválido, 5,1ss) e no último ciclo (Lázaro, 11,1ss): 5,3.5.7, enfermidade; 5,6.9.10.11.13.14.15, saúde; 5,21.25.26, morte-vida; 11,1.2.3.4.6, enfermidade; 11,4.13.14.16.21.25.26.32. 37.39, morte, além dos termos conexos como sono, dormir, sepulcro, pedra, lágrimas, vendagem, sudário; 11,11.23.25.26, despertar, vida, ressurreição; 11,44, saída do morto do sepulcro; 11,25, declaração de Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida.³

Pode-se perceber que a narrativa acaba, portanto, estabelecendo relação com o ciclo de Caná, conforme o próprio texto informa, como possui contato com o bloco seguinte que vai até o capítulo 11 com a narrativa da ressurreição de Lázaro.

Quanto à narrativa em questão, Jesus decide deixar a Judéia e retornar para a Galileia, passando pela Samaria (Jo 4,3-4). Chegando à região da Galileia ele se dirige para a cidade de Caná (4,46). É incompreensível o motivo da sua ida para Caná, tendo em vista que sua família mora em Nazaré e ele se estabelecera em Cafarnaum. Em todo caso o encontramos ali, onde

² BASSANETTI, A., *Perché mio figlio?*, p. 96.

³ MATTEOS J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 243-244.

realizara o primeiro sinal, transformando água em vinho (Jo 2,1-12). Com toda probabilidade a motivação do autor seja teológica.

Sabendo de sua chegada a Caná, um funcionário real sai de Cafarnaum e vai ao encontro de Jesus pedindo que cure o seu filho que se encontra doente. Jesus reage ao pedido de forma abrupta fazendo-lhe uma crítica. O funcionário insiste no imperativo pedindo que Jesus vá com ele para ver o filho. Segue a ordem de Jesus para que ele parta. Tal ordem é acolhida pelo homem que retorna para Cafarnaum e, durante a viagem encontra os seus servos que anunciam a cura do menino. Sabendo da notícia o funcionário apenas questiona a hora em que ela ocorrera e segue a afirmação que ele, e toda a sua casa, creram em Jesus.

A narrativa em si é curta e apresenta um relato de cura, mas ela possui diversos elementos que merecem a atenção, os quais nos dedicaremos agora. O seu início pode ser considerado a partir do v. 43. Contudo, alguns autores consideram os v. 43-45 como uma transição entre a narrativa da mulher samaritana (Jo 4,1-42) e o texto em questão (Jo 4,46-54). Sibinga, contestando Lachmann e outros que marcavam o início a partir do v. 46c, descreve os estudos de Westcott e Hort que concebem o início da narrativa a partir do v. 4, isto ligado a proximidade do texto com a narrativa sinótica da cura do servo do centurião (Mt 8,5-13 e Lc 7,1-10).⁴ Portanto, existe certa discrepância entre os estudiosos a respeito do início da narrativa. A maioria, no entanto, prefere situar o início a partir do v. 46.

Beutler⁵ sublinha que o texto apresenta questões a respeito da sua história e seu lugar dentro do Quarto Evangelho. Geralmente ela é concebida como concluindo o “Ciclo de Caná” (Jo 2-4) e possuindo paralelo com as bodas de Caná (Jo 2,1-12), levando alguns estudiosos a considerarem as duas narrativas como única tradição.⁶

Sobre a origem, alguns estudiosos estabelecem relação intertextual com o texto Sinótico da cura do servo do centurião romano (Mt 8,5-13; Lc 7,1-10). Zumstein apresenta as seguintes diferenças entre as narrativas joanina e sinótica: a) no texto Sinótico, a fé do centurião precede o milagre enquanto a joanina segue; b) o centurião não vê a necessidade da ida de Jesus até o servo, enquanto o funcionário real exige; c) Jesus exalta a fé do centurião e mostra-se crítico em relação ao funcionário real; d) a constatação da cura, em João, alarga a fé a toda família; e) o interesse da cura na narrativa do centurião está no tema da fé; enquanto a narrativa joanina aponta para o tema do sinal.⁷ Por outro lado, Brown aponta que: a) as três narrativas (Mt 8,5-13; Lc 7,1-10 e Jo 4,43-54) fazem menção à Cafarnaum; b) em Lucas e João o centurião-funcionário real ouvem falar de Jesus; c) Mateus e Lucas mencionam da cura de um servo, enquanto em João a cura de um filho; d) o servo e o filho apresentam doenças distintas; e) respostas de Jesus: em Lucas, ele não diz nada e acompanha o centurião e em João critica o funcionário; f) resposta do funcionário-centurião: em Mateus, repete o pedido; em Lucas nova delegação e em João insiste no imperativo; g) cura: em Mateus, durante o caminho; em Lucas, na casa do centurião e em João a distância; h) tanto Mateus como João informam que a cura ocorreu numa determinada hora.⁸

Brown apresenta, ainda, um paralelo com a narrativa da mulher sírio-fenícia (Mt 15,21-28; Mc 7,24-30): a) a mulher fica sabendo que Jesus se encontra em sua terra e vai ao seu encontro; b) a filha se encontra doente num leito; c) o pedido de cura é recusado por Jesus; d) Jesus pede que a mulher retorne; e) esta encontra a sua filha curada.⁹ Por sua vez, Zumstein estabelece o paralelo com a narrativa da cura de Naamã, durante a época do Profeta Eliseu (2Rs 5,1-19).¹⁰

Após aproximar a narrativa da cura do filho do funcionário real com narrativas Sinóticas da cura do servo do centurião romano, Brown¹¹ estabelece, agora, o paralelo entre ela e as Bodas de Caná (Jo 2,1-12): a) Jesus acaba de regressar para Galileia; a mãe-funcionário real lhe faz um pedido; c) Jesus recusa; d) a mãe-funcionário insiste; Jesus atende o pedido; e) surgem novas pessoas na narrativa (discípulos; servos-família); f) confirmação da fé. Além disso, em nenhuma

⁴ SIBINGA, J. S., *The Shape of a Miracle Story*, p. 224-225.

⁵ BEUTLER, J., *Evangelho segundo João*, p. 131.

⁶ BROWN, R., *El Evangelio según Juan*, p. 445.

⁷ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 229-230.

⁸ BROWN, R., *El Evangelio según Juan*, p. 441-443.

⁹ BROWN, R., *El Evangelio según Juan*, p. 444.

¹⁰ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 229

¹¹ BROWN, R., *El Evangelio según Juan*, p. 445.

das duas narrativas é descrito como ocorreu o milagre (sinal) e, após o milagre (sinal), Jesus retorna para Jerusalém. Por sua vez, Mateus e Barreto¹² apresentam distinções entre as duas narrativas: a) vínculo de parentesco entre o solicitante e Jesus: bodas de Caná = direto (mãe e filho); cura = indireto (Jesus e o funcionário real); b) a relação com o necessitado: bodas = indireta (mãe e os noivos); cura = direto (pai e filho).

2. Esquema da Narrativa

A narrativa da cura do filho funcionário real pode ser dividida, segundo Beutler em duas partes:

- a) chegada de Jesus de Jerusalém e do funcionário real de Cafarnaum, seguido do diálogo entre eles (Jo 4,46-50);
- b) retorno do funcionário para Cafarnaum, seguido do encontro com os servos durante o caminho (Jo 4,51-54).¹³

Zumstein prefere a seguinte divisão: a) Introdução (Jo 4,46); b) 1ª cena – encontro entre Jesus e o funcionário real (Jo 4,47-50); c) 2ª cena – encontro do funcionário real com os servos e a constatação da cura (Jo 4,51-53); e c) Conclusão – comentário sobre o resultado da cura (Jo 4,54).¹⁴ Independente da proposta de Beutler ou de Zumstein, a narrativa pode ser dividida em duas partes distintas que implicam a ida do funcionário real até Caná para se encontrar com Jesus e o retorno para Cafarnaum, envolvendo dois dias consecutivos.

2.1. O encontro do funcionário real com Jesus

A narrativa descreve Jesus chegando em Jerusalém e o funcionário real de Cafarnaum ao saber de sua chegada. O texto deixa claro que Caná é o lugar do “primeiro sinal”, ou seja, onde Jesus transformara água em vinho (Jo 2,1-12),

Certo homem de Cafarnaum, indicado como funcionário real vai ao encontro de Jesus por causa do filho que se encontra doente. Na qualidade de funcionário real pode se tratar de um funcionário da corte de Herodes Antipas. Leva-se em conta, no entanto, que a capital da Galileia havia sido transferida para Tiberíades. A localização Cafarnaum pode indicar que se trate alguém ligado à corte romana. Tal característica gera dúvida sobre a etnia deste homem. Para Schnackenburg¹⁵ trata-se de um pagão, enquanto Beutler¹⁶ crê tratar-se de um judeu. Segundo Judge, o homem é apresentado como um βασιλικός, que deve ser compreendido não como um membro da realeza, mas como alguém que está a serviço de um rei. Portanto, uma pessoa com certa autoridade, mesmo que sua identidade permaneça ambígua na narrativa.¹⁷

Encontrando Jesus, o funcionário real pede que ele desça e cure seu filho. A resposta de Jesus ao pedido é abrupta e sem nexos com o pedido (Jo 4,47-48). A doença não é indicada. Trata-se de um pai angustiado que busca um meio de salvar a vida do seu filho.

A resposta abrupta de Jesus parece estranha: “Se não virdes sinais e prodígios, não creereis” (ἐὰν μὴ σημεῖα καὶ τέρατα ἴδῃτε, οὐ μὴ πιστεύσητε.: v. 48). Segundo Simoens “sinais” e “prodígios” evocam os textos veterotestamentários: Pentateuco (Ex 7,3; Dt 29,1-2), Sapienciais (Sl 105[104],26-27; Sb 8,8) e Proféticos (Jr 32[39],1-2; Br 2,11; Is 8,18). Estes textos apresentam as ações de Deus como sinais e prodígios.¹⁸ Mas, o que esta resposta diz em relação a um pedido de um pai preocupado com a vida de seu filho? Leva-se em conta que o pai não pede nenhum sinal, apenas que Jesus veja seu filho que está doente. Como vimos acima, este mesmo tipo de resposta, Jesus dirige a sua mãe. Contudo, tanto a sua mãe como o funcionário informam uma

¹² MATTEOS J; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 249.

¹³ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 133.

¹⁴ ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni, p. 229-230.

¹⁵ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni, p. 684.

¹⁶ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 132.

¹⁷ JUDGE, P. J., The Royal Official, p. 308.309.

¹⁸ SIMOENS, Y., Évangile selon Jean, p. 142.

situação concreta (falta de vinho, um filho doente). Deve sublinhar que os dois primeiros sinais de Jesus, no Quarto Evangelho, envolvem uma mãe e um pai. Talvez esta particularidade do Ciclo de Caná seja um referencial para a compreensão deste ciclo.

Deve-se ponderar, no entanto, que no capítulo 2 as lideranças judaicas pedem um sinal por parte de Jesus para legitimar a sua ação no Templo de Jerusalém: “Que sinal nos mostra para agires assim?” (Jo 2,18). O funcionário real estava ciente deste fato? A questão se apresenta tendo em vista que o Funcionário está ciente do que ocorreu em Jerusalém, ou seja, enfrentou as lideranças locais. Por outro lado, indagamos: a ação de Jesus no Templo o colocaria diante das lideranças como um messias ou como um agitador? Caso seja concebido como um agitador não se justificaria a atitude do Funcionário buscar Jesus para curar o seu filho. Assim, a aproximação de sinais com prodígios situa a fala de Jesus em relação com a tradição veterotestamentária.

Partindo desta concepção pergunta-se em que momento se manifesta os sinais e prodígios de Deus no Antigo Testamento. Analisando as referências acima:

- a) No Pentateuco (Ex 7,3; Dt 29,1-2) os sinais e prodígios se manifestam quando Deus resolve agir em favor dos hebreus libertando-os das mãos dos egípcios;
- b) Na tradição sapiencial o Sl 105[104], 26-27 evoca o tema do Êxodo, enquanto Sb 8,8 exalta o tema da sabedoria por meio da qual é possível prevê sinais e prodígios; e,
- c) nos textos proféticos a narrativa de Baruc faz memória do Êxodo no qual Deus agiu com sinais e prodígios em favor do seu povo (Br 2,11), enquanto Isaías exalta Israel como sinais e prodígios (Is 8,18).¹⁹

No conjunto, a expressão “sinais e prodígios” evocam o agir de Deus em favor do Povo Eleito, libertando-os da escravidão do Egito. Caso seja este o contexto por trás da fala de Jesus, qual seria a relação com o funcionário real e aqueles que ele representa, tendo em vista que Jesus se dirige a ele no plural: “Se não virdes... não creis” (4,48)? Ele estaria se referindo às lideranças judaicas/romanas?

A palavra “sinais” (σημεῖον) percorre os doze primeiros capítulos do Quarto Evangelho, ou seja, praticamente a metade deste Evangelho, sempre ligado a ações de Jesus. Neste sentido, a palavra sinal se equipara a palavra milagre dos sinóticos. Contudo, a narrativa aproxima as palavras sinais e prodígios (σημεῖα καὶ τέρατα). Esta aproximação como visto acima se relaciona a várias passagens do Antigo Testamento. No Evangelho segundo Marcos a aproximação entre sinais e prodígios está ligada à ações de falsos messias e profetas que surgirão enganando os fiéis, enquanto em Atos dos Apóstolos está diretamente ligada as ações dos apóstolos confirmando o anúncio por eles proferido (At 5,12; 14,3; 15,12). Contudo, na narrativa joanina parece evocar a perspectiva veterotestamentária em relação as ações de Deus.

2.2. Insistência do funcionário real

Semelhante a narrativa das Bodas de Caná o personagem não se importa com a resposta dada por Jesus. Na realidade, aqui, o funcionário apresenta novamente pedido, mas no imperativo: “Senhor, desce, antes que meu filho morra!” (Jo 4,49). Diante da insistência do funcionário real Jesus apenas pede que ele parta, pois o filho vive. O funcionário crê na palavra de Jesus e retorna para Cafarnaum (Jo 4,50).

O ato de crer do funcionário estabelece um vínculo indireto com a narrativa do diálogo entre Jesus e Tomé após a ressurreição. De fato, Tomé categoricamente afirma que precisa tocar para crer levando Jesus a criticar a sua incredulidade e exaltando os que creem sem terem visto: “põe teu dedo aqui e vê minhas mãos. Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!... Felizes os que não viram e creram!” (Jo 20,27.29). Lógico que o funcionário real viu Jesus, mas a cura é realizada sem a presença dele. Na sequência trataremos a questão da cura. A questão é o crer na palavra de Jesus, portanto implica na dimensão da fé. A narrativa põe evidência a insistência de alguém que possui autoridade (βασιλικός) que passará para um homem que crê na palavra de Jesus.

¹⁹ SIMOENS, Y., Évangile selon Jean, p. 142.

2.3. A Cura

A narrativa apresenta uma estrutura particular, na qual existe um processo de agravamento do estado de saúde da criança seguida por um processo de recuperação em forma trina:

a) agravamento
o filho se achava doente (Jo 4,46)
seu filho, que estava à morte (Jo 4,47)
antes que o filho morra (Jo 4,49)

b) recuperação
vai, teu filho vive (Jo 4,50)
seu filho vivia (Jo 4,51)
teu filho vive (Jo 4,53)

A ressurreição de Lázaro (Jo 11), apresenta estrutura semelhante, permitindo estabelecer relação entre elas. Até o v. 5, a narrativa vai descrevendo os personagens que a compõe. A partir do v. 6 tem-se início a descrição da ação, quando Jesus toma conhecimento do que está ocorrendo:

a) agravamento:
quando Jesus soube que este se achava doente
Jesus... falara da sua morte
Lázaro morreu

b) recuperação
Jesus encontrou Lázaro sepultado
teu irmão ressuscitará
Lázaro, vem para fora!

Lógico que, existem nuances que merecem ser evidenciadas nesta narrativa, mas, em termos gerais existe proximidade entre as duas narrativas. A cura segue o padrão comum dos Relatos de Milagres. No Novo Testamento, a lenda profética cedeu lugar ao relato de milagre, um gênero literário proveniente do mundo helenístico e que sem problemas foi adotado pelas tradições judaica e cristã. Nos Evangelhos, os milagres provam a autoridade de Jesus como messias e, mais ainda, manifestam a sua divindade. No livro de Atos dos Apóstolos, os milagres atestam que Jesus age por meio de seus discípulos. O esquema do relato de milagre é muito semelhante ao da lenda profética.²⁰

a) introdução (descrição do ambiente ou do encontro)
b) o problema e os esforços para superá-lo
c) a súplica do pedinte
d) intervenção de Jesus
e) o efeito produzido
f) a reação do povo e do miraculado

Os milagres operados por Jesus podem ser divididos em quatro grupos: curas (Mc 1,29-31; 3,1-6); exorcismos (Mc 1,23-27; 5,1-20); ressuscitações (Mc 5,21-24; 5,35-43) e milagres sobre a natureza (Mc 4,37-41; Lc 5,1-11; Jo 2,1-11).²¹

Além disso, existe uma particularidade nas curas operadas por Jesus, ou seja, ele apenas emite uma ordem imperativa, sem muito alarde. Existe certa descrição. Caso particular encontra-se apenas na cura do cego na narrativa marcana. Nesta, Jesus realiza o gesto de fazer lama, impor

²⁰ SILVA, C. M. D., Metodologia de Exegese Bíblica, p. 271

²¹ SILVA, C. M. D., Metodologia de Exegese Bíblica, p. 271.

sobre os olhos e pedir para se lavar. O efeito não é o esperado, o que o leva a realizar novo gesto, obtendo a cura desejada (Mc 8,22-26).

Leva-se em conta que a cura, no caso da narrativa do filho do funcionário real ocorre à distância, não existe um encontro direto entre Jesus e o enfermo. Muito semelhante com a cura de Naamã, o Sírio, na qual Eliseu não vai ao encontro dele, mandando apenas que se banhe nas águas do Jordão, gerando a indignação deste oficial, atendendo o pedido de Eliseu após ser convencido pelos seus servos, seguindo a cura esperada (2Rs 5,1-19). A diferença entre as duas narrativas reside no fato que Naamã não acreditou, no primeiro momento, na palavra de Eliseu, enquanto o funcionário real creu na palavra de Jesus. Na cura profética é pedido uma ação (banhar-se), na cura joanina é a palavra de Jesus que realiza a cura sem necessidade de algum gesto.

3. Efeito da Cura

O funcionário real fica sabendo da cura enquanto retorna para a sua casa em Cafarnaum. Seus servos, indo ao seu encontro anunciam que o filho se encontra curado. O funcionário apenas reage de forma estranha aquilo que se espera da reação de um pai que recebe a notícia da cura de um filho, ou seja, questiona sobre o horário da cura, reconhecendo ser o mesmo momento que Jesus dissera, “seu filho vive” (Jo 4,53). Portanto, a narrativa da cura coloca em evidência alguns elementos: o tema da hora e o tema da fé.

O tema da fé é posto na relação “ver” e “crer”. Assim, a cura é realizada sem ver. O pai não vê, enquanto seus servos veem. Segundo Zumstein²², a fé comporta três aspectos: a) ato de consciência (ἐγνώ) e reconhecimento da palavra proferida por Jesus; b) fé cristológica (πιστεύειν), e, c) a fé do funcionário é fecunda, ou seja, se estende aos seus familiares e servos.

Rojas aponta a existência de uma “dilatação” da fé que vai do crer do homem ao crer dos servos e sua família (= sua casa), permitindo compreender que o “segundo crer” é uma confirmação comunitária.²³

O tema da “hora”, por sua vez, assume o seu papel dentro do contexto joanino. Nas Bodas de Caná, Jesus afirma à sua mãe que sua hora ainda não havia chegado (Jo 2,4). Na narrativa da cura do filho do funcionário real, serve de constatação da cura realizada, resultando na confirmação da fé. Na narrativa da mulher samaritana o tema da hora serve para expressar a perspectiva escatológica dos verdadeiros adoradores (Jo 4,23), corroborada pelo discurso de Jo 5,25. A iminência da hora de Jesus é confirmada por ele quando André e Filipe anunciam o desejo dos gregos em vê-lo (Jo 12,23.27). Em João 17, Jesus afirma ter chegado a sua hora (Jo 17,1). As narrativas aproximam o tema da hora com a paixão de Jesus, por meio do qual o Pai será glorificado.

A aproximação da hora e da paixão descreve um movimento “escatológico” que vai da morte para a vida, conforme deixa transparecer o discurso de Jesus:

Em verdade, em verdade, vos digo: vem a hora - e é agora em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que o ouvirem, viverão. Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo e lhe deu o poder de exercer o julgamento, porque é Filho do Homem. Não vos admireis com isto: vem a hora em que todos os que repousam nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem, para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de julgamento (5,25-29).

Assim, a hora indica que a morte será vencida, bem como se estabelece o juízo divino. A expressão “Filho do Homem” aqui acaba assumindo a perspectiva da profecia de Daniel quando anuncia a visão do “Filho do Homem” (Dn 7,13). Nos capítulos 11 e 12 é anunciado o juízo que será exercido pelo “Filho do Homem”, nos quais aparece a expressão hora (Dn 11,35.40.45; 12,1), aproximado, na sequência, com o tema do “dia” (Dn 12,1).²⁴ O tema do Messias anunciado por Daniel, configurado como “Filho do Homem” está em paralelo com o Livro dos Sonhos. Ambos

²² ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 232.

²³ ROJAS, J. M. G., *El “Segundo Signo” en el Cuarto Evangelio*, p. 272.

²⁴ BEUTLER, J., *L’ebraismo e gli ebrei nel Vangelo di Giovanni*, p. 119-120.

habitualmente estão situados no séc. II a.C. e abordam o tema da ressurreição dos mortos. Contudo, enquanto Daniel descreve a ressurreição no fim dos tempos para todos os justos, o Livro dos Sonhos indica que a ressurreição será apenas para os justos da última geração.²⁵ Leva-se em conta que o tema da hora relacionado a ação futura de Deus encontra-se apenas em Daniel. Deste modo, o Quarto Evangelho talvez esteja evocando esta característica ao aproximar o tema da hora com o evento da paixão-morte e ressurreição de Jesus Cristo.²⁶

Conclusão

A narrativa da cura do filho do funcionário real no Quarto Evangelho, apesar de sua brevidade, apresenta uma riqueza profunda nos aspectos teológicos e literários. Quanto à sua beleza literária observou-se a sua relação tanto com as Bodas de Caná, evocada diretamente a partir da sua abertura, como, também, serve de moldura para a conclusão da primeira parte do Quarto Evangelho, quando se aproxima da narrativa da ressurreição de Lázaro em João 11.

O texto, no seu aspecto teológico apresenta os temas do “sinal” e da “hora”, os quais podem evocar a manifestação de Deus no Sinai (Livro do Êxodo), bem como evoca o “dia do Senhor” a partir do tema da hora. Ambos expõem o caminho da “fé”. Típico do Quarto Evangelho é a ideia que a fé em Jesus Cristo conduz da morte para a vida, no qual Jesus é luz, caminho e vida. Assim, na teologia joanina, a fé em Jesus Cristo torna aquele que crê “filho de Deus” e, portanto, vivo eternamente (=ressurreição).

Segundo Bassanetti, “todo homem, também um pai, no seu agir tem necessidade de sinais, ou seja, de verificar, de constatar as realidades interiores e exteriores que encontra pelo caminho... o próprio Deus, que caminha com o homem, nunca deixa de se comunicar através de sinais e sonhos, convidando a conhecê-lo... mudando o caminho que o introduz na verdade”.²⁷ Assim, Bassanetti, inspirando-se na narrativa lucana do Filho Pródigo, afirma que um pai pode perder um filho, mas nunca perde a esperança de reencontrá-lo, mas o reencontra não como uma propriedade sua, mas com um dom que Deus lhe concedeu.²⁸

De modo singelo, a narrativa da cura do filho do funcionário real descreve um pai, que da sua dignidade funcional, passará a ser descrito apenas como um homem que crê. É um pai que luta pela vida do filho. Isto o expõe diante da fragilidade humana, que nem a sua autoridade e poder (funcionário real) é capaz de superar. A sua esperança acaba residindo no impossível: crer na palavra de alguém que vive na Galileia (=Jesus Cristo). Parece absurdo, mas a esperança o conduz ao improvável e sua fé à salvação, não somente do filho que recupera a vida, mas de toda a sua casa. No final, ele é apenas um homem, cuja autoridade não é importante aqui.²⁹ A cena atenua a força da autoridade do funcionário real (βασιλικός), concentrando no essencial, ou seja, ele é apenas um homem, um pai que busca salvar a vida do seu filho. Da sua persistência inicial, ele apenas creu e isto resultou em vida. A criança deixou de ser o υἱός (=filho) do funcionário real para se tornar o παιδίον/παῖς (=menininho) do homem que creu em Jesus.

Referências Bibliográficas

BASSANETTI, Andrea. **Perché mio figlio?** Elaborazione del lutto per una nuova fecondità. Milano: Paoline 2005.

BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João.** Comentário. São Paulo: Loyola, 2016.

BEUTLER, Johannes. **L'ebraismo e gli ebrei nel Vangelo di Giovanni.** Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 2006.

BROWN, Raymond. **El Evangelio según Juan.** I-XII. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1999.

²⁵ SACCHI, P., L'Apocalittica Giudaica e la sua Storia. p. 160.

²⁶ BEUTLER, J., L'ebraismo e gli ebrei nel Vangelo di Giovanni. p. 120.

²⁷ BASSANETTI, A., Perché mio figlio? p. 98.

²⁸ BASSANETTI, A., Perché mio figlio? p. 102.

²⁹ JUDGE, P. J., The Royal Official. p. 312.

GREENE, Brian. **Até o fim do Tempo**. Mente, matéria e nossa busca por sentido num universo em evolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

JUDGE, Peter J. The Royal Official: Not so Officious. In: HUNT, Steven A.; TOLMIE, D. Francois; ZIMMERMANN, Ruben (Eds.). **Character Studies in the Fourth Gospel**. Narrative approaches to seventy figures in John. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013, p. 306-313.

MATTEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João**. São Paulo: Paulus, 1999.

ROJAS, Juan Manuel Granados. El “Segundo Signo” en el Cuarto Evangelio. **Biblica**, v. 98, n. 2, p. 270-286, 2017.

SACCHI, Paolo. **L’Apocalittica Giudaica e la sua Storia**. Brescia: Paideia Editrice, 1990.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **Il Vangelo di Giovanni**. Parte prima. Brescia: Paideia, 1973. v. IV/I.

SIBINGA, Joost Smit. The Shape of a Miracle Story: A Respectful Analysis of John 4:43-54. **Novum Testamentum**, v. 45, n. 3, p. 222-236, jul. 2003.

SILVA, Cássio Murilo dias da. **Metodologia de Exegese Bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2022.

SIMOENS, Yves. **Évangile selon Jean**. Paris: Éditions Facultés Jésuites de Paris, 2016.

ZUMSTEIN, Jean. **Il Vangelo secondo Giovanni**. Torino: Claudina, 2017. v. 1: 1,1-12,50.

Gilvan Leite de Araujo

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tommaso D’Aquino (Roma)

Docente do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo / SP – Brasil

E-mail: glaraujo@pucsp.br

Recebido em: 04/09/2024

Aprovado em: 02/12/2024